

INSERÇÃO DO BIPOLO PETROLINA/JUAZEIRO NO AGRONEGÓCIO E A INVISIBILIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR PERANTE AS POLÍTICAS PÚBLICAS: UM ESTUDO DE CASO

Liliane Caraciolo Ferreira¹

FERREIRA, L. C. Inserção do bipolo Petrolina/Juazeiro no agronegócio e a invisibilidade da agricultura familiar perante as políticas públicas: um estudo de caso. *Rev. Ciênc. Empres. UNIPAR*, Umuarama, v. 16, n. 2, p. 283-301, jul./dez. 2015.

RESUMO: Este estudo, que é parte da tese de doutorado em representações sociais do sertão, orienta-se pela premissa que o desempenho da intervenção econômica que ocorreu no bipolo Petrolina/Juazeiro, mediante a implantação da fruticultura irrigada, torna o papel da agricultura familiar invisível. Tratando-se de uma investigação “de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real” e em “situações onde não se podem manipular os dados, mas que é possível fazer observações” esta pesquisa caracteriza-se como estudo de caso que utiliza os procedimentos prescritos por Yin (1989), ou seja, observação, descrição e desenvolvimento. A análise dos dados levantados, secundários e documentais, fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2005), que estuda as práticas dos atores em seu contexto perante os fenômenos sociais que enfrentam. Conclui-se que diante do desempenho econômico atingido pelo bipolo Petrolina/Juazeiro, região sertaneja que se tornou o maior polo de fruticultura irrigada do país, a agricultura familiar torna-se invisível.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura familiar; Políticas públicas; Agronegócio; Fruticultura irrigada; Representações sociais.

INSERTION OF THE PETROLINA / JUAZEIRO POLE IN AGRIBUSINESS AND THE INVISIBILITY OF FAMILY FARMING ON PUBLIC POLICIES: A CASE STUDY

ABSTRACT: This study, which is part of the doctoral thesis in social representations of the wilderness, guided by the premise that the performance of economic intervention that occurred in the Petrolina/Juazeiro diploe, through the implementation of irrigated fruit farming, makes the role of family farming invisible. This is an investigation “of a contemporary phenomenon within a context

¹Professora adjunta da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. E-mail: liliane.ferreira@univasf.edu.br

of real life” and “situations where they cannot handle the data, but where it is possible to make observations.” This research is characterized as a case study using procedures prescribed by Yin (1989), that is, observation, description and development. The analysis of secondary and documentary data is based on the Moscovici’s Theory of Social Representations (2005), studying the practices of the actors in their context before the social phenomena they face. It can be concluded that in face of the economic performance achieved by the Petrolina/Juazeiro dipole, the region that has become the largest irrigated horticulture pole in the country, the family farming becomes invisible.

KEYWORDS: Family agriculture; Public policy; Agribusiness; Irrigated fruit culture; Social representations.

INSERCIÓN DEL BIPOLO PETROLINA/JUAZEIRO EN EL AGRONEGOCIO Y LA INVISIBILIDAD DE LA AGRICULTURA FAMILIAR ANTE LAS POLÍTICAS PÚBLICAS: UN ESTUDIO DE CASO

RESUMEN: Este estudio, que forma parte de tesis doctoral en las representaciones sociales del semiárido o desierto, guiado por la premisa de que el desempeño de la intervención económica que se produjo en el bipolo Petrolina/Juazeiro, a través de la implementación de la fruticultura irrigada, hace el papel de la agricultura familiar invisible. En el caso de una investigación “de un fenómeno contemporáneo dentro de un contexto de la vida real” y en “situaciones en las que no se puede manejar los datos, pero que es posible hacer observaciones”, esta investigación se caracteriza como un estudio de caso que utiliza los procedimientos prescritos por Yin (1989), o sea, observación, descripción y desarrollo. El análisis de los datos levantados, secundarios y documentales, se basa en la Teoría de las Representaciones Sociales de Moscovici (2005), que estudia las prácticas de los actores en su contexto ante los fenómenos sociales que enfrentan. Llegamos a la conclusión de que ante el desempeño económico logrado por el bipolo Petrolina/Juazeiro, en la región nordeste interior del país que se ha convertido en el mayor polo de la fruticultura irrigada del país, la agricultura familiar se convierte invisible.

PALABRAS CLAVE: Agricultura familiar; Políticas públicas; Agronegocio; Fruticultura irrigada; Representaciones sociales.

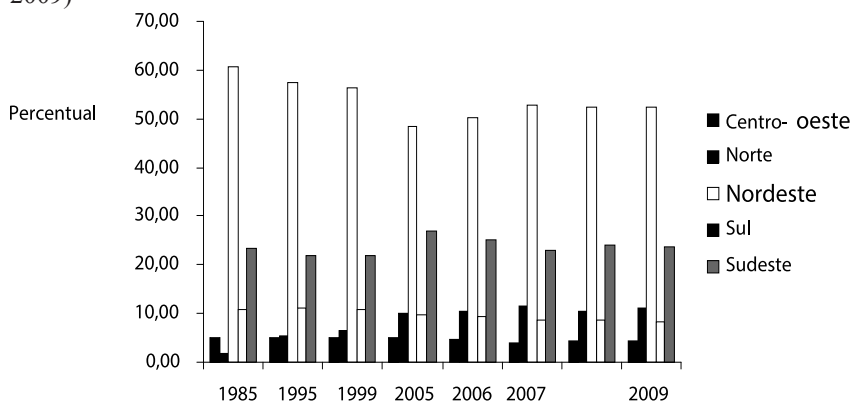
1 INTRODUÇÃO

Há muito se reconhece que o fenômeno climático, que assola o sertão, assume dimensões de calamidade pública devido à situação de pobreza em

que vive a maioria da população dessa região brasileira. (MATTAR; VILLELA, 2010; LIMA, 2008; COELHO; SANTOS, 2008; SILVA, 2007; SÁ, 2003; DUARTE, 2001). Tratando do tema, muita tinta já foi gasta na academia, na literatura, na arte, nas políticas públicas e na mídia. Na academia, por exemplo, pode-se citar, entre outras, as disciplinas de geografia, história, economia, literatura, antropologia, sociologia. Sertão e sertanejos são temas frequentes em livros, na literatura de cordel e nos quadrinhos. Na mídia, em rádio, jornal e televisão o assunto é comentado. Na arte, as referências encontram-se nos quadros, na música, no cinema e em peças de teatro. Como exemplo, destaca-se a marcante recorrência do cangaço nas mais diversas produções culturais, tais como folhetos de cordel, xilogravuras, folclore, romances, cinema e quadrinhos. “Divulgado pela literatura regionalista por autores como José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e, mais recentemente, Francisco Dantas”, considerado pelos intelectuais de esquerda a antessala de movimentos sociais da luta no campo (SÁ, 2003, p. 49).

Para Pereira (2008, p. 11), “cada sociedade elege o núcleo de preocupações ao qual confere centralidade.” No caso do Brasil, o sertão é tema antigo, visto que já ocupava a mente dos portugueses que aqui se instalaram e depararam com o desconhecido. É notório que ainda hoje o tema ocupe a mente dos brasileiros e, em especial, dos governantes, haja vista abordar a região com os maiores índices de pobreza do país. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2011), 52,47% dos domicílios nordestinos, em 2009, estavam abaixo da linha de pobreza. Cenário persistente, conforme os dados de 1985 a 2009, conforme demonstra a Figura 1

Figura 1: Percentual de domicílios em pobreza por região no Brasil (1981 – 2009)



Fonte: Ipeadata (Adaptação dos autores)

É necessário que se faça uma breve exposição da transferência de recursos para atender a região nordeste. O recorte que orienta é a seca, tendo em vista que até a primeira metade do século XIX foi considerada um problema para o projeto de colonização, porque índios fugiam para o litoral em busca de alimentos. Na condição de “assunto de índio”, fome e miséria no sertão seriam registradas como um problema para a civilização ou, especificamente, para o projeto de colonização, até que o sertão fosse povoado pelos brancos, com fazendas de gado que seriam atingidas por longos períodos de seca, o que era “problema de índio” passa a ser prejuízo de fazendeiros. Ciência, governo, fazendeiros e políticos são alguns dos setores que se mobilizaram para a nova perspectiva de atendimento à região (SILVA, 2008).

A partir dessa preocupação em “atender fazendeiros” pode-se compreender a gradativa evolução de possíveis transferências de recursos para o nordeste e, especificamente, para a região Petrolina-PE/Juazeiro-BA. Na lógica capitalista, para que o modelo de produção funcione é preciso acumular capital e isso ocorre com o excedente de produção e os meios para escoar o produto, tais como estradas, portos, aeroportos, transportes e comunicação.

É importante lembrar que o tema, sertão, foi eleito pelos portugueses e permanece até hoje como um problema para o governo. Diante dessa amplitude temporal, da colonização à industrialização da economia brasileira, este estudo procurou orientar-se por dois momentos da história do Brasil, o colonial e o pós-colonial, e suas influências na elaboração de representações, ou seja, dos elementos socioculturais que influenciam o trabalho de quem cria significados (GUEDES, 2007).

No período colonial, o primeiro significado do sertão surgiu com a chegada dos portugueses, que ocuparam o solo a partir do litoral e nomearam as terras além, de sertão, ou seja, terras desertas, desconhecidas e perigosas. Uma vez instalados no litoral, evoluiriam de povoado para cidade e o significado de sertão passa a ser construído em relação ao que estava colonizado (o litoral), seria o não colonizado ou incivilizado. Seguiu com a exploração e povoamento do sertão e, com as entradas e bandeiras, foi descoberto o ouro e instalou-se a criação de gado, cenário de um novo ciclo de significados: Sertões do ouro e sertões dos currais (IBGE – Atlas das Representações Literárias dos Sertões, 2006).

Essa ideia de ocupação e exploração foi substituída pela perspectiva instaurada pela declaração da independência do Brasil, que cria e difunde a ideia de nação, instituindo-se um novo campo de representações: os ideais de brasilidade (ARRUDA, 2005). É no período pós-colonial que o sertão passa por construções conduzidas por dois movimentos: o romantismo e o realismo. A urgência em caracterizar a ex-colônia fez ver o brasileiro associado à paisagem e à sociedade do interior, numa perspectiva romântica. Nesse sentido, Araújo (2002,

p. 23-24), citando, Guimarães Rosa, diz:

O país não poderia ser definido moral e culturalmente a partir do ambiente eclético, heterogêneo e indefinível que se encontra à beira-mar. Para o autor, a chave para adentrarmos as características nacionais só será encontrada nas estradas que levam ao interior do país. Somente neste ambiente distante das diversas influências metropolitanas e estrangeiras em geral, com a rigidez e proximidade do controle português é que se pode encontrar o brasileiro digno desta definição.

Por sua vez, para o realismo a região era tida como um problema para a nação que se desejava construir um outro negativo, oposto à urbanidade litorânea, porção indesejável e vergonhosa do Brasil, a exemplo da descrição do sertanejo por Euclides da Cunha em *Os Sertões*: “É homem permanentemente fatigado.” (CUNHA, 1902, p.51).

Vale lembrar que o critério de análise que aqui é utilizado tem em vista as construções e reconstruções de representações em determinados momentos ou contextos. O nacionalismo romântico brasileiro, por exemplo, sofreu influência do nacionalismo romântico europeu. Segundo Antônio Cândido (2009, p. 13): “No Brasil, ao contrário dos países americanos que conheceram grandes civilizações pré-colombianas, é impossível pensar num processo civilizador à margem da conquista europeia, que criou o país.”

Para aprofundar o entendimento, vale a reflexão sobre explicações biológico-raciais que elegeram a miscigenação como símbolo de degeneração da raça humana e influenciou o realismo brasileiro. Cientistas como Nina Rodrigues, médico legista, professor de medicina legal na Bahia, Oliveira Viana, professor da faculdade de Direito do Rio de Janeiro e Euclides da Cunha, engenheiro, cientista e literário, incorporaram e difundiram a teoria do racismo no Brasil. (BUONICORE, 2005)

Mesmo que não seja o objetivo desse trabalho, entende-se que é relevante refletir sobre o papel do cientificismo² biológico-racial no processo de construção histórica de uma forma de pensar legitimada, mesmo que breve. Conforme demonstra o Quadro 1, são exemplos dessa construção: Gobineau (1816-1882) e a superioridade da raça branca; Ratzel (1884-1904) e a divisão dos povos entre naturais e civilizados; Lombroso (1835-1909), que procurou estabelecer relações entre características físicas e tendências criminais.

² Entende-se por cientificismo, quando a ciência é reduzida à verificação empírica, ignorando qualquer outro método de investigação como científica.

Quadro 1: O papel do cientificismo biológico-racial na construção do racismo na Europa (Século XIX - Século XX)

Intelectuais	Atividade profissional	País/Origem	Teoria
Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882)	Diplomata, escritor e filósofo.	França	Tese sobre a existência de uma superioridade inata das raças brancas e louras (arianas) sobre todas as outras. A miscigenação é inevitável e levará a raça humana a graus sempre maiores de degenerescência física e intelectual. Obra: Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas (1855).
Friedrich Ratzel (1884-1904)	Geógrafo e etnólogo.	Alemanha	Dividiu os povos em dois grandes grupos, “naturais” e “civilizados”. Os primeiros eram dominados pela natureza e os segundos a dominavam. O meio influencia a história humana na medida em que pode oferecer melhor ou pior acesso aos recursos naturais, atuando assim como estímulo ou obstáculo ao progresso. Obras: Antropogeografia (1882); As raças humanas (1885 e 1888); Geografia política (1897).
Cesare Lombroso (1835-1909)	Professor de psiquiatria e medicina forense.	Itália	Tentativa de dar status científico ao racismo moderno. Tese da relação entre as características físicas dos indivíduos e sua capacidade mental e propensões morais. Obras: O homem delinquente (1876); O crime, causas e remédios (1899).
Francis Galton (1822-1911)	Antropologista, Meteorologista, Matemático e Estatístico	Inglaterra	Criador do termo Eugenia, mais conhecido pelo estudo da hereditariedade e inteligência humana através de instrumentação matemático e biológico. Livro: Natural Inheritance (1889)

Fonte: Adaptação dos autores Buonicore, 2005; Oliveira, 2002.

No caso brasileiro, como demonstra o Quadro 2, tais influências podem ser identificadas em Nina Rodrigues (1862 – 1946) e a teoria sobre a tendência de negros e mestiços ao crime; Euclides da Cunha (1866 – 1909) e a teoria dos dois brasis: atrasado e moderno; e, Oliveira Viana (1883 – 1951) com negros e índios como massas passivas e improgressivas.

Quadro 2: O papel do cientificismo biológico-racial na construção do racismo no Brasil (Século XIX - Século XX)

Nina Rodrigues (1862-1906)	Professor de medicina legal, Bahia	Brasil	Teses sobre a degenerescência e tendências ao crime dos negros e mestiços. Para ele o negro e os mestiços seriam as chagas da nacionalidade. Obras: "Mestiçagem, degeneração e crime" (1899); "Degenerência física e mental entre os mestiços nas terras quentes" (1899).
Euclides Rodrigues da Cunha (1866-1909)	Engenheiro, cientista e literário, Instituto de Obras contra Seca - IOC	Brasil	Mergulhado nos pressupostos e preconceitos advindos do credo cientificista: evolucionismo ¹ , determinismo climático e biológico e, de uma forma mais geral, o positivismo. Por esse caminho o conceito de sertão era compreendido da forma mais pejorativa possível, desqualificando a terra e a humanidade a ela relacionada, reconhecendo neles a impossibilidade de qualquer desenvolvimento rumo à civilização. Obra principal, Os sertões: campanha de canudos (1902).
Oliveira Viana (1883-1951)	Professor da faculdade de Direito no Rio de Janeiro	Brasil	A tese de que os bandeirantes paulistas eram perfeitos arianos: altos, fortes, loiros e de olhos claros. Segundo ele, o país seria o resultado da vontade e da energia das elites brancas, racialmente superiores. Os negros e índios, por outro lado, não haviam dado "nenhum elemento de valor" à formação histórica e cultural. Uns e outros se tornaram "massa passiva e improgressiva. Obras: Populações meridionais do Brasil (1920); Pequenos estudos de psicologia social (1921); O idealismo na evolução política do império e da república (1922); Evolução do povo brasileiro (1923); O ocaso do império (1925); O idealismo na constituição (1927); Problemas de política objetiva (1930); Raça e assimilação (1932); Formation ethnique du Brésil colonial (1932); Problemas do direito corporativo (1938); As novas diretrizes da política social (1939).

Fonte: Adaptação dos autores Buonicore, 2005; Oliveira, 2002.

Como exemplo do papel do cientificismo no Brasil pode-se citar as missões civilizatórias da primeira república, que correspondem a viagens associadas a projetos modernizadores: construções de ferrovias, avaliações da inspetoria de obras contra as secas, construções de linhas telegráficas. Verifica-se ainda um expressivo movimento com base na ideia de valorização do sertão, a exemplo da Missão Rondon, das expedições do Instituto Oswaldo Cruz e das viagens de Euclides da Cunha a Canudos e ao Amazonas. Segundo Lima (1999, p. 67), "este movimento missionário, fortemente associado à expansão da presença do Estado, encontrou como atores sociais, agentes informados pelo cientificismo – quer na posição positivista ortodoxa, quer nas versões heterodoxas e em interpretações evolucionistas de cunho spenceriano."

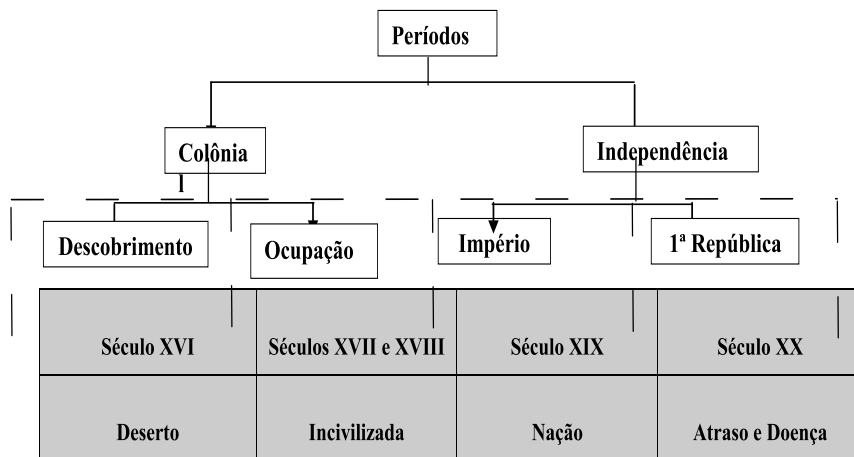
Nesse panorama destacam-se as viagens médico-científicas de Arthur Neiva e Belisário Pena ao norte e nordeste do Brasil, em 1912, por requisição da Inspetoria de Obras contra as Secas, que caracterizam as populações do interior do país com base nas doenças, no isolamento, geográfico e cultural, no analfabetismo, na pobreza e na vocação a regredir. "De todas as expedições realizadas pelo Instituto Oswaldo Cruz, essa foi a de maior repercussão, nos meios intelectuais, médicos e políticos brasileiros". (SÁ, 2009, p. 184-185)

Essas considerações têm em vista destacar o campo de representações

do sertão na primeira república. Para Lima (1999), sertão e viagem são termos que se interpenetram nas primeiras décadas republicanas no interior do país. Reinava entre intelectuais o sentimento de estar em uma missão: educar o povo brasileiro e, para isso, utilizavam-se dos meios institucionalizados, ou seja, escolas, faculdades e jornais. Um exemplo marcante dessa prática é o uso da conferência pública entre letrados brasileiros da virada do século XIX para o século XX, meio utilizado para informar ao público ouvinte sobre assuntos literários e científicos em evidência. Tempo em que ciência e arte estavam em pleno processo de institucionalização no Brasil (CAMPOS, 2010).

Em síntese, foram séculos de construção e reconstrução de representações de sertão que, a depender do período e dos acontecimentos sociais, difundiram entre outras ideias as de deserto, incivilização, nação, atraso e doença, que são o reflexo das estratégias de domínio e controle da elite e podem ser notadas até os dias de hoje, tendo em vista a estrutura da região que permanece pobre ao longo da história. (Figura 2)

Figura 2: Momentos históricos e principais ideias associadas ao sertão



Entende-se que a forma como se pensa a realidade material pode perpetuar ou transformar a conformação de desigualdades sociais construídas ao longo da história. Neste ponto, impõe-se a discussão sobre o bipolo, Petrolina-PE/Juazeiro-BA, como referência do modelo de “desenvolvimento”, considerando a implantação da agricultura irrigada voltada para o mercado internacional. Segundo Elias (2006, p. 34), de imaginário trágico para desenvolvimento, é uma “radical mudança do discurso sobre as possibilidades econômicas do semiárido, notadamente sobre os seus vales úmidos, e dos cerrados do nordeste, construindo

do-se um novo imaginário social”.

Em relação à Petrolina - PE e Juazeiro - BA, “a existência de mão de obra abundante e sol o ano inteiro para garantir a produção agrícola tem sido o discurso contemporâneo.” (BARROS; COSTA; SAMPAIO, 2004, p. 599). Segundo Sobel e Ortega (2007, p. 4), “há pouco mais de três décadas, este território se apresentava como mais um dentre as diversas zonas de miséria situadas no sertão nordestino.” Agora a região sertaneja é considerada um oásis para o *agribusiness*, cuja prática produtiva difere, e muito, da prática agrícola tradicional. Enquanto a prática agrícola tradicional ou familiar tem técnicas simples de plantio e colheita, o *agribusiness* utiliza a tecnologia de ponta, para atender às medidas de desempenho do modelo capitalista (excedentes, produtividade, lucro e escala de produção). O discurso tecnológico atrai pesquisadores, governo, bancos, órgãos internacionais e empresários, constituindo um quadro que pode tornar a agricultura familiar invisível. Guilhoto, Silveira, Ichiera e Azzoni mostram que a agricultura familiar além do alto nível de importância social, tem mais importância econômica do que o agronegócio para o Brasil. Segundo os autores:

O setor agropecuário familiar faz parte da história do Brasil e da própria humanidade. Sua influência foi reduzida ao longo dos séculos devido ao desenvolvimento tecnológico do próprio setor agropecuário e dos outros setores produtivos da economia. Assim, paulatinamente, o termo familiar tem sido associado a passado, atraso e pouca importância (GUILHOTO et al., 2006, p. 356).

Existe, assim, em um mesmo cenário a agricultura científica e a agricultura tradicional disputando a gestão das políticas públicas. Nesse quadro de divergência entre os setores, a agricultura científica atende a uma minoria organizada e capitalizada, que garante retorno financeiro, oposto à estrutura da agricultura tradicional, cuja maioria é desorganizada e descapitalizada, sem garantias de retorno financeiro. O discurso da científica passa a ser hegemônico, em detrimento da importância da tradicional que possui fragilidade de organização para a promoção dos seus interesses, grande número de unidades heterogêneas, diversidade de estratégias produtivas e objetivos difusos (ELIAS, 2006).

2 PETROLINA-JUAZEIRO: CONTEXTUALIZAÇÃO

Petrolina localiza-se no extremo sudoeste do estado de Pernambuco, às margens do rio São Francisco, e era passagem obrigatória de boiadeiros que atravessavam o rio. Essa movimentação propiciou o surgimento de duas cidades, uma em cada margem do rio São Francisco: Petrolina no estado de Pernambuco e Juazeiro, na Bahia. (Figura 3)

Figura 3: Vista aérea do Rio São Francisco e das cidades de Petrolina e Juazeiro



Fonte: skyscrapercity.com

Em 1862, Petrolina torna-se freguesia, o que implicou prestígio e possibilidade de crescimento. Hoje, Petrolina e Juazeiro formam um grande polo comercial e agroindustrial impulsionado pela agricultura irrigada para o mercado externo (FONSECA, 2008). Nesse sentido, afirma Elias (2006, p. 32-33):

Se até a década de 1980 o conjunto da agropecuária nordestina permaneceu quase inalterado, a partir de então, se vislumbra a ocupação de novas fronteiras pelo agronegócio globalizado, em alguns lugares específicos dessa região. Estes passam a receber vultosos investimentos de algumas importantes empresas do setor, difundindo-se a agricultura científica.

Segundo Silva (2001), as ações que consolidam a agricultura científica voltada para o mercado externo em Petrolina e Juazeiro podem ser sintetizadas em quatro etapas: primeiros passos da fruticultura irrigada (1950-1975) no Submédio do Vale do São Francisco – SMVSF; a constituição do polo agroindustrial nos municípios Petrolina-PE e Juazeiro-BA e o início da fruticultura (1975 – 1985); a fruticultura e a formação de uma base exportadora no polo Petrolina/Juazeiro (1985 - 1994); e, finalmente, a consolidação do complexo frutícola do

polo Petrolina/Juazeiro (1994 – 1999). (Quadro 3).

Instaura-se um ciclo que se irradia no mercado de serviços da região. No tocante a Petrolina, destacam-se o Polo Médico, considerado o segundo do estado de Pernambuco e a implantação de instituições de ensino público de nível superior, a saber, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Petrolina – FACA-PE, Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF e Universidade do Estado de Pernambuco – UPE.

Quadro 3: Síntese do processo de implantação da fruticultura no SMSF

Períodos	Etapas	Fatores determinantes
1950-1975	Primeiros passos da fruticultura irrigada.	Ação do Estado em Infraestrutura. Criação da CVSF, SUVALE e da SUDENE. Empreendimentos pioneiros. Projetos-pilotos de irrigação.
1975-1985	A constituição do polo agroindustrial nos municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA e o início da fruticultura.	Criação da CODEVASF. Implantação e operação de projetos públicos de irrigação. Instalação de agroindústrias. Empreendimentos pioneiros em vitivinicultura. Instalação dos primeiros projetos de fruticultura para exportação.
1985- 1994	A fruticultura e a formação de uma base exportadora no polo Petrolina/Juazeiro.	Infraestrutura de irrigação. Criação da Valeexport. Crise do Estado e do padrão de financiamento. Abertura comercial. Integração com mercados regional e nacional de frutas.
1994 – 1999	Consolidação do complexo frutícola do polo Petrolina/Juazeiro.	Crescimento do mercado interno de frutas frescas. Especialização territorial em fruticultura. Crise de endividamento de grandes empresas. Emergência de novos atores sociais/formas de organização.

Fonte: Adaptado de Silva (2001).

O processo segue com a estruturação de símbolos da dinâmica capitalista, tais como, *shopping center* (Figura 4), prédios de luxo (Figura 5) e aeroporto (Figuras 6). Basta um passeio no local para constatar nas conversas de moradores o quanto as cidades são ou ficaram “ricas” em função da fruticultura irrigada. Símbolos do modelo capitalista estruturam o discurso dessas pessoas, que passam a projetar a cidade “que nada deve em relação às Capitais de referência”, Recife-PE e Salvador-BA.

Figura 4: Símbolos da economia capitalista, Petrolina-PE: River *Shopping*.



Fonte: blogfolha.com

Figura 5: Símbolos da economia capitalista, Juazeiro-BA: Prédios de luxo na orla.



Fonte: skyscrapercity.com

Figura 6: Símbolos da economia capitalista, Petrolina-PE: Aeroporto Internacional.



Fonte: skyscrapercity.com

Trabalhos acadêmicos fundamentados no modelo desenvolvimentista informam os resultados da implantação da fruticultura irrigada, em Petrolina e Juazeiro, por meio de indicadores de melhorias, tais como, crescimento econômico, renda, consumo e exportação. Tais indicadores resultam de uma estratégia de cima para baixo da política de modernização agrícola do governo militar, que privilegiou excessivamente as “condições físicas locais favoráveis à produção em grande escala da agricultura irrigada, esquecendo-se, em consequência, de proporcionar o mesmo cuidado a outros fatores como, por exemplo, os relacionados à articulação e participação das comunidades locais em torno das políticas adotadas.” (SOBEL; ORTEGA, 2007, p. 5).

O suporte tecnológico da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA é fator de fundamental importância para o cenário construído pelas ações do Governo Federal. Em 23 de junho de 1975, por meio da Deliberação 0045/75, foi criado o Centro de Pesquisa Agropecuário do Trópico SemiÁrido – CPATSA, empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura e do Abastecimento, com o objetivo de promover o desenvolvimento rural do semiárido brasileiro. A questão é que qualquer análise que se faça do modelo, que propõe o desenvolvimento, fica restrita a determinados segmentos da sociedade. Segundo Ramos (2002, p. 3-4):

Refletindo-se sobre as mudanças no uso agrícola às margens do rio São Francisco, encontramos a constituição de um moderno polo fruticultor irrigado e a inserção cada vez maior da região no comércio internacional de frutas. No entanto, as distintas oportunidades que se dão a colonos, pequenos e médios irrigantes, e grandes empresários agrícolas, têm reforçado as exclusões técnicas e políticas.

Nesta lacuna, encontram-se outros fenômenos a serem discutidos, entre os mais citados estão os excluídos da economia de mercado, o jogo de forças, as relações de trabalho, a indústria da seca, a concentração do poder econômico e político. Segundo dados do Atlas de desenvolvimento humano do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas – PNUD, no período 1991-2000, em Petrolina, “a renda per capita média do município cresceu 34,51%, passando de R\$ 149,60 em 1991 para R\$ 201,23 em 2000. A pobreza (...) diminuiu 18,36%, passando de 54,5% em 1991 para 44,5% em 2000. A desigualdade cresceu: o Índice de Gini³ passou de 0,63 em 1991 para 0,64 em 2000”.

³Mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. Seu valor varia de 0, quando não há desigualdade (a renda de todos os indivíduos tem o mesmo valor), a 1, quando a desigualdade é máxima (apenas um indivíduo detém toda a renda da sociedade e a renda de todos os outros indivíduos é nula). Fonte: http://www.pnud.org.br/popup/pop.php?id_pop=97

Na lógica capitalista, a região sertaneja Petrolina/Juazeiro enriqueceu, haja vista o aumento da renda. Se considerado que índices como renda per-capita, resultado da divisão entre produção local e número de habitantes da região, “são explicações que nos expõem somente à descrição, à constatação ou mesmo a interpretação dos fatos, sem que se procure desvendar os mecanismos sociais que os engendram” (FRANCO, 2004, p. 177), tem-se uma lacuna científica que necessita ser preenchida. Segundo Chauí (2004, p. 13):

[...] uma teoria exprime, por meio de ideias, uma realidade social e histórica determinada, e o pensador pode ou não estar consciente disso. Quando sabe que suas ideias estão enraizadas na história, pode esperar que elas ajudem a compreender a realidade de onde surgiram. Quando, porém, não percebe a raiz da história de suas ideias e imagina que elas serão verdadeiras para todos os tempos e todos os lugares, corre o risco de estar, simplesmente, produzindo uma ideologia.

Nesta perspectiva, a crítica ao que produz deve ser vista como uma constante que confirma a tese de que todo conhecimento é passível de “polifasia cognitiva”, em outras palavras, o saber não se desloca do contexto de sua produção, dos interesses e motivos que estão ligados a uma pessoa humana, a uma cultura humana. (JOVECHELOVITCH, 2004). Segundo a autora:

Trata-se então de entender a forma que o saber assume enquanto representação e aquilo que expressa enquanto sistema psicossocial firmemente radicado, em um contexto social. Trata-se também de entender como a variabilidade das formas de saber se realiza nas esferas públicas e como ela é tratada. Isso porque enquanto alguns saberes gozam de credenciais epistemológicas plenas, reconhecimento e legitimidade, outros são vistos como distorções, superstição e erro. Resta saber se essa distinção parte de uma característica interna dos saberes ou de determinantes sociais mais amplos que conferem poder a alguns saberes e pelo mesmo movimento desapropriam outros de qualquer reconhecimento (Id Ibid, p. 21).

Diante do exposto, esse trabalho fundamentado pela teoria das representações sociais, visa entender a complexidade do cotidiano pensando em opostos, dicotomias e desigualdades sociais. Segundo Arruda (2005, p. 231):

A TRS, como uma antropologia do mundo contemporâneo (Moscovici, 1978), lida com as maneiras como os grupos dão sentido ao real, elaborando-o e explicando-o para si mesmos, para se comunicarem e funcionarem cotidianamente. Trata-se de um pressuposto da teoria,

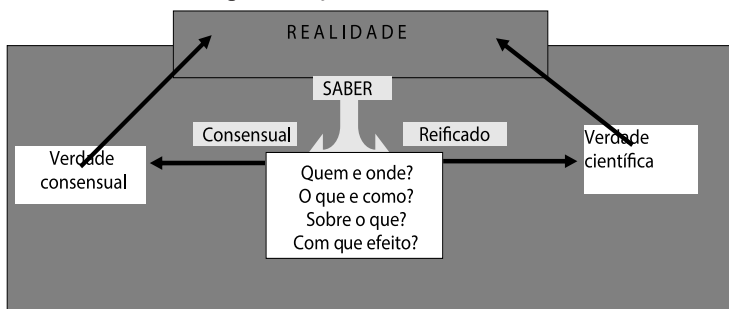
o da construção social da realidade; socialmente erigida e compartilhada, esta se dá em cada espaço social, se faz em códigos sociais, a partir do olhar que tal espaço e a experiência/informação/afetos do sujeito aí posto lhe facultam projetar sobre o objeto representado. A representação social tem pertinência. O corolário deste pressuposto é que toda representação é representação de alguém e de alguma coisa (Jodelet, 2001). Isto implica em que os grupos fazem interpretações “legais” do mundo à sua volta, que são as representações sociais, e o/a pesquisador/a, como um/a antropólogo/a, as analisa para interpretá-las à luz da ciência []

Essa investigação das representações sociais de sertão entre moradores das cidades sertanejas Petrolina-PE e Juazeiro-BA e entre estudantes-professores de licenciatura em história e geografia, entende que as mudanças da região decorrentes do acelerado desenvolvimento econômico e tecnológico despontam como rico cenário de investigação no campo da psicologia social. “Isto em função de ensejar a exploração da medida em que as transformações políticas, econômicas, tecnológicas, sociais e culturais deixaram suas marcas no cotidiano das pessoas.” (PECORA; SÁ, 2008, p. 319).

O estudo das representações sociais persegue a transformação do pensamento social e os seus desdobramentos segundo o grupo que fala (ARRUDA, 2005). Segundo Jodelet (2001, p.32-33):

[...] três perguntas podem ser formuladas: quem sabe e de onde sabe?; o que e como sabe?; e, sobre o que se sabe e com que efeito? [...] o lugar, a posição social que eles ocupam ou as funções que assumem determinam os conteúdos representacionais e sua organização, por meio da relação ideológica que mantêm com o mundo social (Plon, 1972), as normas institucionais e os modelos ideológicos aos quais obedecem.

Figura 7: Conteúdo das representações sociais



Pode-se fazer uma reflexão a partir da Figura 7. Para lidar com a realidade, o sujeito constrói conhecimento. Essa construção pode ser empírica ou científica, depende da posição social que o sujeito do conhecimento ocupa. Considerando o poder de legitimação da construção do conhecimento científico, o saber propaga-se como forma de lidar com a realidade. Uma vez aceito como verdade, consensual ou reificada, concretiza-se em espaço público.

Considerando a reflexão, a legitimação do saber científico produz efeitos, ou seja, uma vez que posto em debate na esfera pública, torna-se objeto de representação e nesse processo de construção concretiza-se em prática social. (ARRUDA 2005). Segundo Jodelet (2009, p. 696), “seria reducionista eliminar de nosso exame aquilo que corresponde aos processos pelos quais o sujeito se apropria e constrói suas representações.”

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura propiciada pelo modelo capitalista de produção no bipolo Petrolina/Juazeiro mexe com o imaginário das pessoas que vivem nestas áreas e que podem ser investigadas segundo a metodologia da teoria das representações sociais, que, segundo Arruda (2002, p. 129), “trabalha o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade.”

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. B. Nordeste, nordestes: que nordeste? **Observa Nordeste**. 2002. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1956%3Anordeste-nordestes-que-nordeste-&catid=58&Itemid=414>. Acesso em: 28 jun. 2009.
- ARRUDA, A. Despertando do pesadelo: a interpretação. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB, 2005.
- _____. Teoria das representações sociais e teoria de gênero. **Cadernos de pesquisa**, n. 117, p. 127-147, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2009.
- BARROS, E. de S.; COSTA, É. de F.; SAMPAIO, Y. Análise de eficiência das empresas agrícolas do polo Petrolina/Juazeiro utilizando a fronteira paramétrica Translog. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 42, n. 4, p. 597-614, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt

ext&pid=S0103-20032004000400004>. Acesso em: 8 fev. 2012.

BUONICORE, A. C. Reflexões sobre o marxismo e a questão racial. (Parte 2). **Revista Espaço Acadêmico**, n. 53, 2005. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/053/53buonicore.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2011.

CAMPOS, R. D. de. Um intelectual viajante: Floriano de Lemos no sertão paulista (1926-1930). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n. 60. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=26319122009>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

CHAUÍ, M. S. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COELHO, L. R.; SANTOS, L. S. Representação social de sertão e discurso nos jornais de Salvador. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 1, n. 12, 2005. Disponível em: <http://www.eventos.uepg.br/ojs2_revistas/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=642&path%5B%5D=469>. Acesso em: 15 jul. 2009.

DUARTE, R. **Seca, pobreza e políticas públicas no nordeste do Brasil**: pobreza, desigualdade social e cidadania. Buenos Aires: CLACSO, 2001. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101030020924/16duarte.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2012.

ELIAS, D. Ensaio sobre os espaços agrícolas de exclusão. **Revista Nera**, Presidente Prudente, a. 9, n. 8, p. 29-51, 2006. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/nera/revistas/08/Elias.PDF>>. Acesso em: 13 set. 2009.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. Disponível em: <www.embrapa.br>. Acesso em: 13 set. 2009.

FONSECA, H. **Pernambucânia**: o que há nos nomes das nossas cidades. 2. ed. Recife: CEPE-FUNDARTE, 2008.

FRANCO, M. L. P. B. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Caderno de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 169-186, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a08n121.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2009.

GUEDES, P. H. M. de Q. A colonização do sertão da Paraíba: agentes produtores do espaço e contatos interétnicos (1650-1730). **Okara: Geografia**

em Debate, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/okara/article/view/1252>>. Acesso em: 02 ago. 2010.

GUILHOTO, J. J. M. et al. A importância do agronegócio familiar no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 44, n. 3, p. 355-382, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032006000300002>. Acesso em: 19 jul. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <www.ibge.org.br>. Acesso em: 19 jul. 2009.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. Disponível em: <www.ipea.gov.br>. Acesso em: 19 jul. 2009.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

_____. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília: Universidade de Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.

JOVECHELOVITCH, S. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Brazilian Society of Social Psychology**, 2004. Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/2653/>>. Acesso em: 13 jan. 2009.

LIMA, R. Mundar o sertão: ou quando o Jaguaribe virou açude no Ceará. **Ava Revista de Antropologia**, n. 13, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=169013837003>>. Acesso em: 13 jan. 2011.

PECORA, A. R.; SÁ, C. P. de. Memórias e representações sociais da cidade de Cuiabá, ao longo de três gerações. **Psicol. Reflex. Crit.** v. 21, n. 2, p. 319-325, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/prc/v21n2/a18v21n2.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2012.

PEREIRA, P. P. G. O sertão dilacerado: outras histórias de Deus e o diabo na terra do sol. **Lua Nova**, n.74, p. 11-34, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4452008000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jan. 2009.

RAMOS, S. de F. **Uso do território brasileiro e sistemas agrícolas: a fruticultura irrigada em Petrolina (PE)/Juazeiro (BA)**. 2002. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/1045.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

SÁ, A. F. de A. O cangaço nas histórias em quadrinhos. **Diálogos Latino-Americanos**, Dinamarca, n. 8, p. 49-75, 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/162/16200804.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2012.

SÁ, D. M. de. Uma interpretação do Brasil, como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 183-203, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16s1/09.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2011.

SILVA, P. C. G. da. **Articulação dos interesses públicos e privados no polo Petrolina-PE/Juazeiro-BA**: em busca de espaço no mercado globalizado de frutas frescas. 2001. 245 f. Tese (Doutorado em Economia aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SILVA, R. M. A. Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: políticas públicas e transição paradigmática. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 38, n. 3, 2007. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/projwebren/exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=1042>. Acesso em: 30 jul. 2009.

SOBEL, T. F.; ORTEGA, A. C. **Evolução e situação atual do Polo Petrolina - Juazeiro**: uma análise a partir dos indicadores socioeconômicos. Londrina, 2007. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/6/954.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2010.

VILLELA, J. M. Moral da política e antropologia das relações de poder no sertão de Pernambuco. **Lua Nova**, n.79, p. 163-199, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452010000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 mar. 2011.